

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação

Bruno Henrique Silva de Castilhos

Uma *bgirl* dançando o jogo da vida na periferia

Porto Alegre
2016

Bruno Henrique Silva de Castilhos

Uma *bgirl* dançando o jogo da vida na periferia

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre
2016

“Eu tive um sonho e tenho o sonho de que todas as pessoas sejam iguais um dia.”

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, criador do dom da vida, que me ensinou a amar as pessoas incondicionalmente.

Agradeço a minha orientadora, Laura Souza Fonseca, que aceitou me orientar com muito zelo. Obrigado por fazer a finalização deste trabalho possível! Obrigado por cada reflexão nas aulas, que foram tão instigantes para mim.

Agradeço a docente Aline Lemos Cunha pelo apoio e auxílio em todo na construção desse trabalho. Obrigado pelas aulas inspiradoras, e por me ensinar a amar a educação ainda mais!

Agradeço à Faculdade de Educação, aos docentes, funcionários, educandos/as e colegas que construímos juntos ao longo de todos esses anos o aprendizado de fazer a educação valer a pena para todos nós!

Agradeço a F. F., *bgirl*, que aceitou gentilmente, compartilhar sua história de vida comigo.

Aos meus amigos e amigas que caminham comigo essa jornada da vida.

Aos meus familiares por fazerem parte da história e me ajudarem infinitas vezes, quando precisei.

À minha mãe, Regina Isabel, por me gerar, cuidar-me desde a mais tenra idade; por me ensinar a viver a vida e superar as dificuldades sem nunca desistir! Obrigado por cada cuidado e preocupação comigo, mamãe!

Aos amigos Thomas e Helber que compartilhamos juntos várias aulas, discussões, grupos de estudos, conversas e cafés... Obrigado por caminhar comigo nessa corrida acadêmica até aqui.

À Cheyene, que temos aprendido a sonhar juntos, compartilhar conquistas e planejar nosso futuro juntos. Obrigado por cada café durante a escrita desse trabalho, e pela muita paciência dedicada a mim.

RESUMO

O presente trabalho expõe o estudo de caso feito a partir de uma entrevista semi-estruturada com uma *bgril*, moradora de um bairro de periferia de Porto Alegre/RS. Problematizando as juventudes nas periferias e a atuação feminina no *hip hop*. O objetivo desse trabalho é problematizar a participação feminina no movimento do *hip hop*, a partir do relato de vida da uma *bgirl*, narrado por ela mesma. Os teóricos que embasam este trabalho são Dayrell, Carrano, Colombo, Martuccelli, Weller, dentre outros. As formas de atuação feminina são muitas vezes imbricadas por dificuldades, ora relativos à entrada da mulher no mercado de trabalho, casamento, maternidade; ora por preconceito dos rapazes, da mídia e da sociedade sobre tal atuação. Concluo que precisamos de mais políticas públicas de incentivo à atuação igualitária da mulher no movimento do *hip hop*.

Palavras-chave: juventudes; periferia; *hip hop*; *bgirl*; atuação feminina.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução - Para começar | 8 |
| CAPÍTULO 1 As Juventudes e as Periferias | 10 |
| 1.1 As Juventudes..... | 10 |
| 1.2 As Periferias..... | 12 |
| CAPÍTULO 2 Contextualizando os caminhos percorridos: metodologia | 16 |
| CAPÍTULO 3 Uma <i>bgirl</i> dançando o jogo da vida na periferia | 19 |
| 3.1 Incursões no campo de pesquisa..... | 19 |
| 3.2 Conhecendo a <i>bgirl</i> | 20 |
| 3.3 Um narrativa de vida..... | 22 |
| 3.4 A atuação feminina no <i>hip hop</i> | 26 |
| CAPÍTULO 4 Considerações parciais | 34 |
| Referências | 37 |
| Anexos | 39 |

INTRODUÇÃO - PARA COMEÇAR...

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) relata a narrativa de vida de uma *bgirl*, também analisa a participação da mulher no *hip hop*. Com o objetivo de investigar: como é a atuação feminina no *hip hop*? Organizado como um estudo de caso de uma moça, dançarina do *breaking*¹, e interfaceando com a experiência etnográfica e a pesquisa dialógica, detalhadas no decorrer do trabalho. O motivo de escolher tal área de atuação é porque algo que me move adentrar os caminhos ainda pouco descobertos da atuação feminina no *hip hop*; e também porque vivemos em um país onde as periferias são numerosas, pessoas em situação de vulnerabilidade social², são milhares, e conhecer as suas estratégias de vida, seus cotidianos, seus itinerários, seus sonhos, desejos, suas famílias, é algo que me entusiasma muito. Como nos diz Enzo Colombo³, “a periferia é um ponto de partida privilegiado para analisar os processos de construção social da realidade”.

Venho de uma cidade interiorana do estado, onde o contexto social das pessoas é bem precário, isso talvez também me instigou a querer conhecer ainda mais os detalhes dessas realidades. Com isso, foquei meu trabalho nas juventudes de periferia, em jovens ligados à arte, dançarinos do *hip hop* da periferia de Porto Alegre. Assim, utilizei de diversos instrumentos, para estabelecer o diálogo com teóricos estudiosos de tal tema. O motivo de escolher as juventudes, como tema geral, é foi a percepção de que talvez ainda tenhamos poucos estudos dos jovens de periferia em nosso estado e, particularmente, na capital. Na 36ª Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED, 2014) que participei, registrei 835 trabalhos no evento com apenas dois trabalhos do sul, sobre jovens de periferia, sendo que um (1) era sobre a educação de jovens e adultos, ou seja, não se saiu de dentro dos muros da escola. Outro motivo perspicaz é que estudar juventudes nos faz refletir muito sobre a vida, pois o ser jovem, nas suas mais diversas formas, é um tempo onde se estabelecem muitos “nortes” na vida do sujeito, se define profissão, independência da família, relacionamentos amorosos, novo local de moradia, amizades, autonomia nas decisões

¹ *Breaking* é o estilo de dança de rua que é constitutivo da cultura *hip hop*. Já *Bboy* (ou *b-boy*) ou *bgirl* é a denominação dos praticantes de *breaking* (AMARAL, 2015).

² Vulnerabilidade social como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais econômicas culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (VIGNOLI e FILGUEIRA, 2001 apud AMBRAMOVAY, 2002, p.13.)

³ Ver referências Colombo (2016).

peçoais, dentre outros. Por isso, entender os caminhos que percorre um jovem de periferia, é tão instigador para mim.

Também outra motivação para tal tema, vem da importância que vejo de sairmos com as pesquisas dos muros da escola, visto que a educação não se faz somente no âmbito escolar, mas em diversos outros espaços não-escolares. Em uma breve revisão da produção acadêmica discente no site do repositório digital da UFRGS, Lume, observei que de 2011 a 2015, dos 54 trabalhos de conclusão (TCC) produzidos na educação, com a temática *jovens*, focaram a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pesquisados dentro da escola. Temas relacionados ao *hip hop*, à periferia, às juventudes, não constam em trabalho algum produzido nesse período. Por isso, saliento a importância de tal temática de pesquisa na educação; precisamos buscar entender melhor este/esta jovem que está cada vez em maior número dentro da escola básica, que muitas vezes é evadido⁴, por não ser aceitos/as em suas particularidades.

No primeiro capítulo deste trabalho, trato dos referenciais teóricos escolhidos para embasar a compreensão sobre juventudes, identidades e periferias urbanas. No primeiro sub-capítulo, *As Juventudes*, trago Juarez Dayrell e Paulo Carrano, estudiosos do ser jovem do centro oeste do país, que nos trazem as muitas juventudes existentes, não apenas uma única juventude fechada e sem variações. E também Márcio Amaral, com a tese sobre jovens de periferia. Também neste capítulo, disserto sobre *As Periferias*, trazendo Enzo Colombo e Danilo Martuccelli, que proporcionam contribuições sobre o contexto de periferia.

No segundo capítulo, trago as metodologias utilizadas nesse trabalho, com embasamento teórico de José Magnani, com a experiência etnográfica, e Salvatore La Mendola com a pesquisa dialógica e Magda Maria Ventura, com Estudo de caso como modalidade de pesquisa.

O terceiro capítulo, “Uma *bgirl* dançando o jogo da vida na periferia”, exponho a realização da pesquisa, como conheci *bgirl*; conto sobre a sua narrativa de vida, narrada por ela mesmo; termino falando sobre a presença feminina no *hip hop*.

Encerro, no capítulo quatro, com algumas conclusões, onde saliento aspectos de achados da pesquisa. E, nas considerações finais, aponto caminhos a percorrer no futuro sobre a pesquisa das juventudes de periferia.

Nos anexos, segue a entrevista semi-estruturada.

⁴ Aquele que é quase que expulso da escola por não se “enquadrar” ao modelo escolar.

CAPÍTULO 1 - AS JUVENTUDES E AS PERIFERIAS

Neste capítulo abordo as bases teóricas para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. Começo situando minhas reflexões sobre as juventudes. Após, apresento as identificações com o termo identidades e estudos sobre a sociabilidade e amizades; por fim, escrevo sobre as periferias.

1.1 As Juventudes

Juarez Dayrell e Paulo Carrano, no livro *Juventudes e Ensino Médio*, nos trazem um panorama das juventudes, que traduz perfeitamente aquilo que acredito ser essa condição na vida do indivíduo. Os autores abordam a juventude não como um tempo de vivência igual, mas com diversas possibilidades, não se tem uma forma única de viver a juventude. Segundo o recente Estatuto da Juventude, a faixa etária do jovem vai de 15 a 29 anos. Tal idade é importante, para que sejam formuladas políticas públicas voltadas para essa faixa etária específica, que sejam criadas e desenvolvidas, para que estes/estas jovens tenham reais oportunidades de viver uma vida digna neste país. Porém, é importante salientar que as juventudes não podem ser limitadas a uma faixa etária específica apenas, todavia para fins de maturidade biológica, contagem da população jovem, definição de políticas e recursos orçamentários. Carrano e Dayrell nos falam que a definição do ser jovem através da idade é uma maneira de se definir o universo dos sujeitos que habitariam o tempo da juventude. Convém destacar que a juventude é uma construção histórica. Dayrell e Carrano (2014) nos dizem:

Diversos autores já mostraram que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, resultado de novas condições sociais, como as transformações na família, a generalização do trabalho assalariado e o surgimento de novas instituições, como a escola. Nesse processo, começou-se a delinear a juventude como uma condição social definida que ultrapassa os critérios de idade e/ou biológicos (p.112).

O momento da juventude é um período de muitas decisões e escolhas: se tornar adulto, ter independência financeira, autonomia emocional, ou seja, desenvolver relacionamentos amorosos saudáveis; ter seu próprio lugar de moradia; escolher uma profissão, ou desenvolver um talento, são algumas facetas do ser jovem. Porém, há uma

estrutural diferença entre a passagem da adolescência para juventude, da juventude para a vida adulta. Dayrell e Carrano (2014) comentam assim:

A entrada na juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nessa fase que fisicamente se adquire o poder de gerar filhos, em que a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família e começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais, psicológicos e de autonomização cultural. O mesmo não pode ser dito em relação à culminância do processo que se dá com a passagem para a vida adulta. Isso porque essa se encontra cada vez mais fluida e indeterminada, fazendo com que os próprios marcadores de passagem para a “adulterez” (terminar os estudos, trabalhar, casar, ter a própria casa e ter filhos) ocorram sem uma sequência lógica previsível ou mesmo não ocorram com o avançar da idade, caso dos indivíduos que vivem em uma “eterna juventude”(p.112).

Alguns conseguem assegurar esses aspectos com muita eficácia e mais rápido. Outros não, mas o importante é ter em vista que o viver jovem deve ser vivido de forma plena, nas suas diversidades e autenticidades. Será que os/as jovens de periferia têm esses marcadores tão bem definidos? Outro aspecto das juventudes é o fato que as mudanças na sociedade se mostram mais patentes nos/nas jovens. Um exemplo seria o uso das tecnologias digitais, como celulares, jogos, mídia cibernética: os/as jovens esvanecem em seus modernos aparelhos eletrônicos com uma intensidade grandiosa. São muitas fotos, mensagens, vídeos, jogos, *web* sites ao mesmo tempo com uma agilidade espantosa. O Brasil é o quarto maior no uso de aparelhos celulares, segundo União Internacional das Comunicações (UTI)⁵, de acordo com o órgão, em sua maioria são jovens que os possuem e os utilizam. Então, entender as juventudes, também é entender a nossa sociedade que acaba por ter mudanças constantes.

Ser jovem no Brasil, requer diversas táticas de sobrevivência, de gambiarras no arranjo social precário em que vivemos. No mercado de trabalho, por exemplo, são os mais vulneráveis, pois como ainda não são formados em alguma profissão e não têm experiência; ter uma boa colocação no mercado de trabalho é difícil. Políticas como o Jovem Aprendiz⁶ têm auxiliado a entrada do/a jovem no mundo do trabalho, todavia a manutenção destes empregos após tal experiência, ainda é difícil. Além disso, esse programa tem um alcance limitado por conta do número de vagas, pois tem uma ligação

⁵ Citada por Lindón (LINDÓN, 2016).

⁶ O Programa Jovem Aprendiz foi criado a partir da lei 10.097/00, Lei da aprendizagem profissional, regulamentada pelo Decreto nº. 5.598/2005. Estabelece que todas as empresas de médio e grande porte estão obrigadas a contratarem adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos. Trata-se de um contrato especial de trabalho por tempo determinado, de no máximo dois anos.

direta com a escolarização. Outro aspecto, o depender financeiramente dos familiares para o viver jovem, muitas vezes acaba sendo algo difícil. Ter seu próprio dinheiro para sair, comprar uma roupa da moda, ter um lazer, é algo em que os/as jovens de periferia também enfrentam dificuldade.

1.2 As Periferias

O contexto de periferia em Porto Alegre se faz ainda muito precário para seus moradores, e ainda mais para os jovens de tais espaços. Apesar de Porto Alegre apresentar “índices de favelização” inferiores aos do Rio de Janeiro, entre 2000 e 2010 “houve um crescimento de 34%” de periferias na capital gaúcha, superando a proporção das áreas de favela na cidade de São Paulo, que é de 11,4%, diz Pinheiro à IHU On-Line. Isso nos faz refletir a que ponto as políticas públicas municipais/estaduais/federais têm pesado para inibir o crescimento de tais índices? Em um panorama geral das periferias da capital e da América Latina, pretendo elencar alguns pontos agravantes as populações moradoras de tais regiões.

1.3.1 Origem das periferias

No fim do século XIX e início do século XX, houve uma política de higienização e branqueamento na cidade de Porto Alegre, onde pessoas empobrecidas, principalmente negras, que moravam nas regiões centrais da capital, foram removidas para regiões periféricas, sem a menor estrutura para moradias em novos locais de habitação. Com isso, nascem os diversos bairros de periferia de Porto Alegre, como Rubem Berta, Mário Quintana (zona norte), Bom Jesus e Lomba do Pinheiro (zona leste), Restinga (extremo sul) que apresentam, cada um, populações superiores a 30 mil habitantes, podendo chegar a mais de 70 ou 100 mil (como são os casos do Rubem

Berta e Restinga respectivamente)⁷. Segundo Idalina de Oliveira, também no século XIX,

[...] diferenças de tipos físicos passaram a ser utilizadas para classificar seres humanos. Nasceu assim a fórmula básica do racismo: portadores de pele escura, os negros e os não europeus, considerados raça inferior. Portadores de pele alva, os brancos, raça superior. Estava assim “justificado” o domínio colonial e a exploração do europeu sobre outros povos (BENTO, 2005 apud OLIVEIRA, 2008).

Isso fez com que as pessoas negras fossem colocadas às margens das cidades, ou mais longe possível, fruto de uma política preconceituosa e discriminatória pela cor de pele. No Brasil, onde a população negra viveu a escravidão por quase 400 anos, ainda vemos tais preconceitos expressos diariamente, onde os índices de mortes de jovens negros é muito superior aos jovens brancos⁸; os empregos mais precários acabam sendo ocupados por pessoas negras; e, aqui na capital, pessoas ainda são deslocadas para bairro muito afastados, como o bairro Restinga. Por isso, precisamos buscar ainda mais políticas públicas que tratem todas as pessoas de forma igualitária, em seus direitos, independentemente pela cor de pele da pessoa. Acredito que a educação tem esse potencial de empoderar o sujeito para busque seus direitos, lute por melhores condições de vida, não aceite esses abusos impostos pelas autoridades.

Para Enzo Colombo, por outro lado, as periferias são lugares para resistência, como ele explica a seguir:

Periferias são tipicamente espaços para resistência; a posição nas “margens” favorece a resistência, que pode se manifestar na forma de estratégias ou, o mais frequente, na forma de táticas. Estratégias implicam consciência, ações planejadas e guiadas por um modelo. Táticas exploram e dependem das oportunidades, e o que elas conquistam não podem ser mantidas por muito tempo. Elas residem em “pontos cegos”, áreas de silêncio, brechas que se abrem no controle e na vigilância do poder, sem mudar radicalmente tais condições, mas “deslizando”, conquistando certo espaço de independência. (COLOMBO, 2016).

⁷ Dados retirados de entrevista de Leandro Pinheiro, concedida ao IHU On-Line. Site: <http://www.ihu.unisinos.br/558958-periferias-de-porto-alegre-contingente-populacional-supera-o-de-muitas-cidades-gauchas-entrevista-especial-com-leandro-pinheiro>, acessado 15 de novembro de 2016.

⁸ Segundo Amaral (2016), as mortes por homicídios, no bairro Restinga, maior bairro de periferia de Porto Alegre: 78,05% do total eram jovens do sexo masculino com idades entre 15 a 29 anos; destes, 84,6% eram negros (em 2011 chegou a 90%).

Devido às diversas precariedades que as pessoas em contexto de periferia vivem, a forma de resistência com diversas táticas são necessárias para sobreviver. Algumas se mostram de forma mais simples, como o empréstimo de uma roupa, um calçado, de algum alimento que falta; outras de compartilhar a moradia quando necessário; ou indicar a uma vaga de emprego, mesmo que seja informal. Tais táticas entre as pessoas são algo corriqueiro em contextos de periferia, usam isso como formas de resistir à miséria e ao descaso do poder público, em relação a tais moradores. Os jovens também aprendem desde muito cedo tais táticas, pois é necessário aprender para conseguir superar as dificuldades do dia a dia. Danilo Martuccelli também nos acrescenta sobre isso com a seguinte descrição:

[...] o indivíduo é um “hiper ator” que tem que resolver por ele mesmo, por intermédio de suportes que ele mesmo constrói, como um conjunto de proteções indispensáveis para poder existir na sociedade. Aquilo que no Norte transmitem as instituições (sobretudo, através de políticas públicas), na América Latina, muitos indivíduos têm que obter por si mesmos. Ou seja, no Sul, todo o tempo os indivíduos estão desenvolvendo capacidades para “arranjar-se” frente à instabilidade e os desafios plurais da vida social. (MARTUCCELLI, 2016).

Com isso, as dinâmicas de vivência na periferia requerem diversas táticas para que tais arranjos sejam criados diariamente. Para os/as jovens de periferia, é preciso lutar para sobreviver, ter alimentação, vestimentas, e ainda viver a fluidez da juventude, nisso faz com que haja um grande esforço para tal; por isso, a escola, muitas vezes, não é uma prioridade para estes/estas jovens de periferia. Por que muitas vezes a escola não adequa ao educando/a. A escola não traz um resultado prático, rápido. Ela prepara para “talvez” uma entrada mais eficaz no mercado de trabalho, mas não prepara para a vida diária que tanto necessitam tais jovens de periferia. Como em uma fala de um jovem de periferia, do bairro Restinga: “vivo o presente, não me preocupo com o futuro, preciso solucionar meus problemas de hoje”⁹. Essa acaba sendo a realidade de muitos jovens, viver o presente, sem preocupar-se com o futuro, porque para muitos este é muito incerto, visto as situações de vulnerabilidades que enfrentam, situações de violência e mortes constantes pela atuação do narcotráfico e da polícia nas periferias. Martuccelli ainda comenta sobre esse papel da escola:

Deve-se entender o objetivo da escola, em parte, em vínculo com esta realidade. Se as diferenças entre os países são a este respeito importantes, não

⁹ Fala retirada da tese de Márcio Amaral (2015).

é, no entanto, de todo injustificado generalizar dizendo que a América Latina possui uma particular “cultura da transgressão” frente à qual deve se posicionar o ensino escolar. Esta cultura da transgressão é, em realidade, um fenômeno profundo, com dois rostos. Por um lado (como não o destacar?), esta atitude generalizada de transgressão testemunha a presença de uma série de elementos perversos da vida social: uma tradição legalista; um poder que menospreza aos cidadãos; uma tolerância — às vezes, inclusive, uma verdadeira legitimidade coletiva — à transgressão das regras. Por outro lado (como o desconsiderar?), esta cultura aparece como uma das maneiras, às vezes a única, pelas quais os indivíduos são capazes de resistir aos abusos e às desigualdades, construindo um espaço de autonomia em meio a sociedades ainda profundamente hierarquizadas. O ensino escolar na América Latina não pode, em todo caso, fazer pouco de uma reflexão sobre essa realidade. (MARTUCCELLI, 2016).

O argumento aqui de Martuccelli é muito pertinente, salientando a importância de tais realidades dentro do contexto escolar. Não podemos apenas comentar de fora para dentro da escola, mas também de dentro da escola, com os/as educadores/as, precisamos construir tais conhecimentos com os/as educandos/as para que saibam refletir sobre suas realidades, para buscarem melhores condições da vivência social, através de políticas públicas.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS: METODOLOGIA

Para elaboração desse trabalho, optei pelo estudo de caso como metodologia central; na interface com outros aportes metodológicos facilitando a apreensão da realidade da jovem pesquisada (VENTURA, 2007). Assim, utilizei a experiência etnográfica (MAGNANI, 2009) e, a pesquisa dialógica (LA MENDOLA, 2014).

O *estudo de caso* é explicado por Ventura (2007) como:

[...] um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.). Vale, no entanto, lembrar que a totalidade de qualquer objeto é uma construção mental, pois concretamente não há limites, se não forem relacionados com o objeto de estudo da pesquisa no contexto em que será investigada. Portanto, por meio do estudo do caso o que se pretende é investigar, como uma unidade, as características importantes para o objeto de estudo da pesquisa (VENTURA, 2007, p.384).

Utilizei-me da metodologia do estudo de caso, por se tratar de analisar a atuação de uma jovem de periferia, dançarina de *hip hop*, problematizando a atuação feminina no *hip hop*. Tento contextualizar, narrando sua narrativa de vida, através da sua própria contação dos fatos. Ventura ainda observa sobre a coleta de dados:

[...] o estudo de caso representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir tanto estudos de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa (VENTURA, 2007, p. 384).

Realizei uma entrevista semi-estruturada para sistematizar alguns elementos à narrativa de vida da moça pesquisada; expus as perguntas, e ela teve autonomia de ir contando sua história de vida. Por fim, ainda sobre o estudo de caso, Ventura reforça o potencial de tal método de pesquisa para a educação:

[...] o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação. Destacam em seus estudos as características de casos naturalísticos, ricos em dados descritivos, com um plano aberto e flexível que

focaliza a realidade de modo complexo e contextualizado (VENTURA, 2007, p. 384).

A importância de tal método na pesquisa se faz pela observação mais isolada de casos particulares, tornando assim as singularidades algo mais relevante no contexto de pesquisa em educação. Podemos pegar um estudo de caso e generalizar para outros casos similares, todavia, através de um estudo de caso, podemos problematizar outras situações parecidas. Como no caso pesquisado, é necessário termos mais pesquisas sobre a atuação de mulher em ambientes, vistos como masculinos. Temos um Estado machista, onde a mulher muitas vezes é vista como inferior ao homem. Nesse trabalho pretendo realçar a papel da mulher no *hip hop*.

O segundo aporte refere-se a uma *experiência etnográfica* (MAGNANI, 2009), que é uma forma de inserção no campo de pesquisa que possibilita uma experiência descontínua e imprevista, mas que busca, como método, inserir-se nos cotidianos variados do indivíduo, em um vasto trabalho de acompanhamento das práticas do sujeito pesquisado, em diversos momentos, proporcionando um “um olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002; 2009). Procurava estar com a jovem em suas atividades práticas, nos treinos semanais, nas reuniões de grupo, nos eventos que o grupo de que a jovem participava, promovia e nas apresentações de dança. Acompanhar o grupo de jovens dançarinos que a *bgirl* pertencia possibilitava-me conhecer as relações desta com o grupo. Após as interações, eu utilizava do *diário de campo* para anotar os aspectos significativos, as falas, as conversas, as confissões inesperadas. Assim, o diário de campo serviu como referencial não apenas para as situações vividas, as percepções e elaborações daquilo que experimentava (AMARAL, 2015).

Sobre o processo de estranhamento, Magnani ilustra bem a sensação no momento inicial da pesquisa

[...] Por outro lado, esse mesmo desconhecimento era visto como o responsável por uma das condições clássicas de realização da pesquisa etnográfica, que é o estranhamento: para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho, tudo é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro (MAGNANI, 2014).

Pois este estranhamento foi bem o que senti nos primeiros contatos com o *hip hop*, com a periferia que pesquiso, o bairro Restinga de Porto Alegre/RS. Tudo é novo para mim, ver cada passo dado, cada jeito de agir, cada diálogo, cada vestimenta, era algo admirável, digno de ser anotado, no meu diário de campo, para uma futura reflexão sobre os sujeitos. A forma de registro no momento do acompanhamento era com registro fotográfico, ou filmagem em vídeo, algo liberado pelos/as jovens do momento acompanhado; posteriormente, analisava os materiais produzidos e escrevia meu diário de campo. Porém, algo a salientar é que esse estranhamento é algo temporário, visto que com o acompanhar dos cotidianos, acaba se tornando uma relação de boa convivência. Como Magnani nos fala, [...] “São raros esses momentos, na experiência etnográfica: a prática mostra que aos poucos vai-se adentrando no universo do outro, que acaba perdendo essa capacidade de maravilhar, e termina tornando-se familiar ao observador.” (2014, p. 114).

O terceiro aporte refere-se à composição de uma *pesquisa dialógica* (LA MENDOLA, 2014), procurando investir em entrevistas dialógicas, momentos em que a jovem pudesse “narrar-se” de forma livre, de modo que o indivíduo seja convidado a falar de si, sobre sua trajetória, suas inserções, opiniões, entre outros (AMARAL, 2015). Para La Mendola, na perspectiva dialógica desenvolve-se uma relação “eu-tu” na pesquisa, não transformando o outro em objeto, ou seja, numa relação “eu-isso”. Nessa perspectiva, a interação é uma realidade horizontalizada. A entrevista no estilo dialógico torna-se uma modalidade de narração de si que diminui os “os medos de ser julgado”, pois o “entrevistado” narra a vivacidade de suas experiências e relações.

CAPÍTULO 3 – UMA *BGIRL* DANÇANDO O JOGO DA VIDA NA PERIFERIA

Neste capítulo exponho a narrativa de vida de uma *bgirl*, dançarina de *hip hop*, que dança o jogo da vida na periferia. O que faço neste ensaio é elencar pontos da sua narrativa de vida, ditos por ela mesma e falar da atuação feminina no *hip hop*, fazendo paralelos com o seu cotidiano. Mostrar que o jogo da vida na periferia, não é muito fácil, mas através de práticas culturais como a dança, esse jogar pode se tornar mais fluido e menos truncado para quem precisa conviver com a precariedade diária desse contexto social.

3.1 *Incursões no campo de pesquisa*

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC), venho responder o questionamento, tomado como problema de pesquisa: como é a atuação feminina no *hip hop*? Através da experiência de pesquisa, em uma Bolsa de Iniciação Científica (BIC), onde tive contato com o *hip hop* e dança de rua, conheci a moça que compartilhou sua vida para este recorte de pesquisa. Ela fazia parte de um grupo de *hip hop*, composto em sua maioria por meninos; hoje já faz parte de dois grupos de *hip hop* com integrantes femininos.

Sobre o nome da *bgirl* pesquisada, quis colocar o nome original, sem mudança, pois como reforça Amaral (2015):

Uma questão a ser pensada, nesse sentido, refere-se ao anonimato desses sujeitos, exigência colocada pela maioria das publicações acadêmicas, mas que não deixa de constituir um silêncio sobre esses indivíduos que concordam em narrar suas vidas e trajetórias. Não seria um reconhecimento do valor de sua própria história e experiências o ato de nomear esses sujeitos? Essa é uma questão que, longe de consensual, deve pautar os temas de debate das comissões científicas nas ciências humanas e sociais (AMARAL, 2015, p. 80).

Todavia, opto por colocar apenas as iniciais do nome da jovem, visto precisar de autorização do comitê de ética e pesquisa da universidade para colocar o nome original. Algo que precisaria de mais tempo para diálogo com a comissão.

As incursões começaram com idas frequentes ao bairro Restinga, também algo novo para mim, pois ainda não conhecia este bairro de periferia de Porto Alegre. As primeiras idas foram para acompanhar ensaios do grupo de *hip hop*, Restinga Crew, composto por jovens *bboys* e *bgirls*, inclusive a *bgirl* pesquisada. O local onde se reunia era o Centro de Comunidade Vila Restinga (CECORES). Este era um espaço aberto à comunidade em geral, onde havia quadras de esportes, e espaço improvisado para dança. Nesse espaço, o grupo se reunia para ensaiar passos, desenvolver novas coreografias, curtir músicas e a companhia um do outro.

Conhecer a dinâmica do grupo foi muito instigante para mim por ter muita empatia por pesquisar o tema juventudes e periferia; talvez, por ainda ser jovem, isso é significativo para mim, mas também por ter muitas perguntas a serem respondidas neste campo de pesquisa.

3.2 Conhecendo a Bgirl

Conheci a *bgirl*, F. F., com seu grupo de dança em um momento da pesquisa científica de 2013 a 2015. Sendo que ainda mantemos contato, visto que a entrevista semi-estruturada, fiz ainda neste segundo semestre do ano de 2016. Fui apresentado ao grupo e logo passei a acompanhar as dinâmicas de ensaios semanais que inicialmente eram no CECORES. Contudo, após um período os ensaios foram transferidos, devido à violência decorrente da forte atuação do narcotráfico na região do ginásio, para a Casa de Cultura Mário Quintana, no centro da capital. A dinamicidade para os/as jovens se mantinha a mesma. Chegavam, todos/as se cumprimentavam, e cada novo integrante que chegava, tinha a rotina, algo de respeito, parceira, amizade entre eles/elas. Após faziam longos momentos de alongamentos, visto ser importante para manter uma boa saúde física, sendo que os passos de dança do *hip hop* demandavam muito do corpo dos/das integrantes. A música era algo que ressoava do início ao fim dos momentos de ensaios; até em instante de conversas gerais do grupo, como avisos, o combinar de uma nova apresentação, lá estava a música do início ao fim do ensaio. Algo que também não faltava era a *webcam*, que Julinho, integrante mais antigo do grupo, que ajudou na formação deste, colocava no centro do espaço logo que chegava, e deixava filmando os momentos deles/delas, alongamentos, danças, conversas; ficava registrado em seu

arquivo pessoal, de muitos *gigabytes* de armazenamento, como Julinho gostava de falar, tinha muito material guardado, ao longo destes mais de 10 anos de atividade do grupo.

O grupo surgiu de irmãos, amigos, colegas onde começaram a se reunir uma escola para dançar, logo começaram a ensaiar coreografias e participar de campeonatos. O grupo foi se destacando por sua originalidade, pois pegavam passos já existentes e mudavam algo para tornar original, como seu estilo próprio. Algo singular, foi que sofreram muito preconceito por serem de um bairro de periferia, Restinga. Um exemplo disso, foi que em eventos que participavam, os organizadores sugeriam para não colocar o nome do bairro do grupo, para não mostrar que eram da periferia. Bairros mostrados pelas mídias com lugar de violência, morte, narcotráfico. Visto apenas com aspectos negativos. Com isso, o grupo que se chamava Realidade de Rua, mudou o nome para Restinga Crew, para marcar politicamente seu local de origem, usando o nome do bairro como emblema, motivo de orgulho para os/as jovens do grupo. Outro aspecto importante foi que o grupo se destacou na dança do *hip hop*, provando que existem muitos aspectos positivos nos jovens de periferia.

No período da pesquisa, entre de 2014 e 2015, eram jovens de 15 a 29 anos, alguns moradores/as do bairro Restinga, outros/as integrantes de outros bairros de periferia. Como é o caso de F.F., moradora do bairro Passo das Pedras, também bairro de periferia da cidade.

Com os acompanhamentos ao grupo Restinga Crew, pude perceber a importância da dança a vida daqueles/as jovens. O dançar transcende algo de uma prática apenas rotineira para passar o tempo: para aqueles/as jovens era algo ímpar, onde deixavam a fluidez da música, o deslizar seus corpos pelos mais diversos passos, alguns já decorados, outros a serem desvendados. A própria dança do *hip hop* é algo único, pois segundo Amaral (2015), o *hip hop* surgiu na década de 70 do século XX em Nova York, assim como o *blue* e o *rock* tornaram-se marcas da juventude moderna, revelando certa hegemonia na cultura popular.

Entrevistas pessoais feitas com outros/as participantes da pesquisa¹⁰, foram outro jeito de conhecer os/as integrantes do grupo. Conhecer cada história de vida, cada detalhe da entrada no campo da arte/dança, da passagem pela escola, das decisões que foram sendo tomadas ao longo das suas vidas, trouxe um grande proveito para

¹⁰ Tal pesquisa era no Projeto Enunciar Cotidianos Produzindo Narrativas, orientado pelo Prof. Leandro Rogério Pinheiro, da FAGED/UFRGS. A pesquisa visa adentrar os bairros de periferia de Porto Alegre conhecendo as mais diversas narrativas de vida e seus cotidianos.

desvendar os cotidianos e narrativas destes/as jovens de periferia. Fiz meu recorte de pesquisa, para este trabalho, focando na narrativa de vida da *bgirl* F. F.

3.3 Uma narrativa de vida

Neste sub-capítulo conto a história de vida da *bgirl* F. F., narrada por ela mesma em uma entrevista semi-estruturada. Sobre seu local de moradia, F.F conta morou sempre no bairro Passo das Pedras, bairro quilombola da capital, onde foi instaurado por pessoas em busca de um local de moradia, na primeira metade do século XX, longe do centro e carente de infraestrutura. Ainda hoje permanece um bairro de periferia, com grande parte da população empobrecida.¹¹

Venho duma família humilde, morava com minha mãe e mais 5 irmãos numa casa pequena (2 cômodos). Sempre vi a dificuldade que minha mãe tinha em nos sustentar, doméstica, ganhava dinheiro com muito suor. Era pequena e sempre acompanhava nos trabalhos que fazia, muitas vezes ajudava, em outras ela me poupava. Minha mãe sempre nos educou com honestidade e ensinando os princípios básicos da ética (F.F., 23 anos).¹²

No início da sua trajetória de vida, F.F. conta da constituição de sua família, do esforço de sua mãe sustentar a família e de sua ajuda nos trabalhos domésticos da mãe, salientando que a mãe a poupava em uns momentos e em outros não. Também narra que a mãe educou com honestidade e princípios básicos da ética. Em outro momento com mais idade, F.F. conta da moradia com pai, com objetivo de estudar e trabalhar para ajudar a mãe.

Aos 14 anos resolvi morar com meu pai (devido a melhores condições). Com intuito estudar, trabalhar e poder ajudar minha mãe. A moradia com meu pai e a nova família foi bem complicado no início. Ele sempre foi liberal, mas rígido, sempre me orientou para a vida. Entretanto, deixava eu ter as minhas próprias escolhas e sempre questionava quando dava errado.

¹¹ Fonte de pesquisa do bairro: Livro Memorial dos bairros – Passo das Pedras, Prefeitura de Porto Alegre, Editora Unidade Editorial, 2002. Acessado <https://drive.google.com/file/d/0B6XEYsilFdWtREJHd1BhZ1RHenM/view> , acessado em 19 de novembro de 2016.

¹² Citações da entrevista de arquivo pessoal, esta entrevista foi feita por e-mail, tentei manter a escrita o mais original possível, apenas corrigindo alguns erros de ortografia e gramática para melhor compreensão do leitor.

Aqui outra observação, é que ela nos conta sobre o pai, que este que apesar de ser liberal, era rígido, ensinava sobre a vida de forma prática, deixando-a ter suas próprias escolhas e questionando quando dava errado.

Sobre a escola, F.F. conta seu histórico escolar, suas dificuldades do aprendizado, preconceitos sofridos por ser negra, ter cabelo crespo.

Não tive incentivo da família com os estudos. Sempre tive dificuldades de entendimento. Sempre fui muito quieta. No Jardim (pré-escola) o desenvolvimento foi bom, mas sinto que a estrutura familiar me afetou. Tenho lembrança forte não saber o nome do meu pai, sabia apenas o apelido e não gostava em falar dele. As atividades eram boas, a escola tinha estrutura. Sentia certo preconceito dos colegas perante a minha pessoa, por ser negra, cabelo *black* e não tinha roupas ou matéria da moda. Na época, foi organizada uma festa de *Halloween*, todos deviam ir a caráter e levar lanche. Fui a única das meninas a não ir vestida como devia. Lembro-me de ter comentado para minha mãe sobre essa festa, mas ela não deu bola. No dia da festa fui com um vestidinho dar cor marrom, laranja e flores e cabelo bagunçado. Todos tinham que falar sobre suas roupas. Eu não falei sobre a minha, mas a professora falou sobre a minha roupa — disse que eu era a primavera. Eu tinha poucas amigas e lembro apenas de uma, L. M..

Neste relato inicial do seu histórico escolar, F.F, conta da dificuldade entender o que a escola ensinava, talvez porque muitas vezes a linguagem utilizada não é entendida pelas crianças, ou porque falta o reforço pela família. Outro aspecto de se analisar é a falta de apoio da família nos estudos, isso se deve pelo fato que a escola, muitas vezes, se mostra como um lugar estranho, pois por falta de incentivo de manutenção do direito à educação, pessoas de renda baixa, não conseguem se manter na escola, com roupas, calçados, transporte, alimentação. Por isso, insisto muito nesse trabalho, que precisamos lutar para que políticas públicas ainda mais eficazes para trazer mais igualdade social entre os indivíduos deste país, principalmente com o direito pleno a educação, a todos os cidadãos.

No ensino fundamental (nas séries iniciais), não obtive desempenho ótimo, não conseguia entender muitas coisa, muitas vezes a professora tinha que falar três vezes para eu entender. Isso, às vezes, era motivo de estresse por conta delas devido às perguntas repetidas e constantes. Minhas notas eram sempre médias, comecei a não perguntar muito, deixava que a professora viesse a mim. Nas entregas de boletim, tinha elogios por conta dos esforços. Eu era muito quieta e tímida. Ainda no fundamental, me sentia fora do mundo, desorientada achando que não conseguiria. Muitos professores me aconselhavam, tinham atitudes legais comigo. Nunca fui uma menina levada

na escola, sempre obtinha elogios no comportamento e pelos esforços. Acho que comecei a me achar no final das séries.

Nessa etapa da vida escolar, F.F começa a ter maiores dificuldades, não conseguia entender o que as educadoras explicavam, tinham que repetir muitas vezes, chegava gerar estresse com isso, como ela comenta. Isso reforça novamente o que eu comentava anteriormente, que a escola muitas vezes é um lugar estranho para crianças vindas de classe popular, talvez porque muitos pais de renda mais baixa, conseguiram viver sem a escola, usaram suas táticas de sobrevivência na periferia, a escola lhes pareceu desnecessário. Hoje ainda temos em torno de 8,7 % do população brasileira analfabeta¹³, isso mostra que muitos adultos nem passaram pela escola, ou tiveram um passagem curta, sem levar um real aprendizado, como a escrita e a leitura, porém conseguem viver, de forma precária.

No ensino médio, meu primeiro ano foi o melhor de todos de estudo. Fui considerada a melhor aluna do turno da noite do 1º ano, ganhei um curso de informática por ser aluna nota 10 e ganhei uma camiseta onde diz “estudar vale a pena” parceria com o Banrisul. Tive uma professora que era muito didática gostava muito das aulas delas, chamávamos ela de Déia; era historiadora e socióloga, tinha gosto em estudar a matéria dela. A professora de matemática era encantadora, nunca gostei da matéria, mas a forma que ela passava as aulas fazia sentido no que eu não entendia. A partir do segundo ano do médio, comecei a fazer o técnico em administração a tarde, na mesma escola. Foram dois anos cansativos, mas adorava a ideia de saber que teria uma profissão. O ensino técnico foi bem puxado não entendia as aulas de estatísticas, na verdade no que se referia a cálculo, tinha muito mais dificuldades. Mas foi uma experiência muito boa.

Na entrada no ensino médio, F.F desponta como boa educanda, conseguindo aprender os conteúdos, contudo salienta que as boas educadoras que teve, fizeram a diferença no seu aprendizado. Após, narra da alegria de saber que teria uma profissão, com o técnico em administração, contrastando com a profissão da mãe, tendo a oportunidade ter melhores condições de vida com uma profissão.

No Ensino superior, comecei na IERGS no curso de administração com modalidade EAD, foi em 2014 que fiz o primeiro semestre que era apenas

¹³ Segundo pesquisa do PNAD, conforme fonte do MEC.
<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>, acessado 24 de novembro de 2016.

de uma cadeira, depois resolvi transferir para uma faculdade presencial. Por conta das diversas dificuldades com os estudos. Na Ftec Faculdades, iniciei na instituição no final de 2014, mas desisti por duas vezes. Esse ano resolvi permanecer, até por que a empresa onde eu trabalho resolveu investir nos meus estudos. Me deparei com diversas dificuldades, porém ainda maiores. Tenho que estudar muito e me preocupo em querer concluir a faculdade. A maioria dos professores são didáticos e mais claros, consegui aprender muitas coisas. A comunicação e a escrita estão me deixando bastante preocupada, as apresentações de trabalhos na faculdade estão me deixando triste, não consigo pegar um conteúdo e fazer uma grande explicação me falta argumentação e envolvimento com o tema.

Com a entrada no ensino superior, F. F. volta a ter dificuldades, o ensino à distância não conseguiu manter, visto serem maiores as dificuldades, pois não se tem o educador para se perguntar pessoalmente. Com a entrada na faculdade presencial, os problemas continuam e ainda pioram, visto haver mais exigências em cursos presenciais. Seu esforço permanece grande, ainda mais porque a empresa onde trabalha está custeando seus estudos, isso mostra que sua dedicação nos afazeres, como ela conta desde o início da vida escolar, tem sido reconhecida pela empresa. Apesar das suas dificuldades na faculdade, F. F. enfatiza que é o lugar onde tem mais aprendizado na vida: “Sempre tive dificuldades com estudos, mas o lugar onde aprendo mais é a faculdade.” Isso quando questionei onde era o lugar que mais aprendeu ou aprende mais.

Em outro momento da contação de sua narrativa de vida, F.F. conta das suas experiências com o *hip hop* e a entrada para o antigo grupo que pertencia, Restinga *Crew*:

É bem difícil dizer que criei alguns passos. Mas a criatividade é bem ativa quando se está treinando, surgem diversos movimentos que não dá pra saber se existe (kkk). Mas é gratificante quando você consegue pegar alguns passos que são difícil. (Sobre a criação de passos no *hip hop*).

Eu era a novata do grupo, eles se conheciam há muito tempo já tinham uma intimidade. Eles me ajudavam a desenvolver alguns movimentos, me davam dicas e técnicas (Sobre ajuda mútua no grupo).

É uma relação de família, eles são um máximo, sempre me orientaram e me incentivaram. Nos momentos difíceis obtive palavras de consolo (Sobre como era a relação com o grupo Restinga *Crew*).

O Julinho. Ele é um cara mega humano, não gosta de injustiças, humilde de coração, solidário e um cara gente boa. Presenciei atitudes dele que me encheram de alegria e são diversas. Ele é a pessoa que tenho mais contato desde que saí da *Crew*. Ele sempre me incentivou a acreditar no meu potencial, num momento em que eu queria desistir (Sobre em quem mais confia para conversar, Julinho, um dos fundadores do grupo Restinga *Crew*).

Quando questionada sobre quem mais confiava para conversar, família ou amigos/as, F.F. conta que são amigos/as, e cita Julinho, integrante do grupo Restinga Crew, que ela fez parte por bastante tempo. Isso reforça uma tendência comum entre os/as jovens, de ter como referência para o diálogo, seus pares, também jovens, pois se entendem melhor do que com adultos.

Para finalizar, F.F conta um pouco da sua rotina diária e sobre sua atuação em novos grupos de *hip hop* hoje,

Sou a auxiliar administrativa, trabalho 8 horas diárias, depois vou para a faculdade, dois dias por semana. Depois do trabalho vou direto para casa, dou atenção para o meu pai e aproveito para descansar ou arrumar algumas coisas de casa. Aos finais de semana procuro organizar coisas de casa, estudar e se ainda estiver tempo saio com as meninas do grupo de dança que participo. Antes minha rotina era diferente, a dança sempre estava envolvida. Hoje procurei focar mais nos estudos, pois sou muito teimosa sempre procurei fazer tudo, depois das notas baixas, tive que tomar uma decisão perante a dança. Ainda continuo dançando, mas com pouca frequência. Faço parte do Norma Jeane (Grupo composto por mulheres em prol do *hip hop* e a liberdade de expressão feminina) e o Grupo Show Negra Jaque, onde sou B.Girl.

Em sua rotina, F.F declara ser árduo o trabalhar e estudar; ainda se divide em cuidar do pai com os afazeres da casa. Sobre sua mudança na rotina, com a dança deixando ser prioridade, deu-se pela necessidade de focar mais nos estudos. Todavia, F.F parece utilizar de uma estratégia de estudo para ter uma profissão, ter melhor rentabilidade financeira e ajuda com mais eficácia sua família. Um dos grupos que ela participa hoje, luta pela liberdade da expressão feminina na dança, algo considerável, sendo que muitas vezes o cenário da dança de rua é predominante masculino.

3.4 A atuação feminina no *hip hop*

Em seu artigo “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”, Wivian Weller problematiza o tema da atuação feminina no *hip hop* e em outras práticas culturais, pois segunda ela, não é que não haja a atuação de jovens-

adolescentes nesses espaços estéticos-culturais, mas carecemos de pesquisas com tal foco de análise:

Será que jovens-adolescentes do sexo feminino formam uma minoria no movimento *hip hop*, em outros movimentos estético-musicais ou em outras formas associativas como as galeras ou gangues? Se tomarmos como critério a literatura existente sobre o tema, poderíamos dizer que sim. [...] É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens-adolescentes do sexo feminino e do masculino. Considerando a importância dos trabalhos e pesquisas [...], que foram fundamentais para a consolidação do campo de estudos sobre juventude, constatamos, no entanto, além da utilização da categoria juventude como um todo, um outro problema: análises sobre a estética corporal, modos de se vestir, preferências por estilos musicais e visões de mundo desses jovens, entre outros aspectos, foram em grande parte realizadas a partir de observação participante e entrevistas com jovens do sexo masculino (WELLER, 2005, p. 107 – 108).

Parto desse pressuposto para analisar, a atuação feminina no *hip hop*, trazendo o exemplo da *bgirl* já citada, fazendo desse estudo de caso, uma problematização para que mais trabalhos dessa temática sejam desenvolvidos nas universidades. Quero adentrar às culturas juvenis, mais precisamente à cultura juvenil feminina e elencar aspectos teóricos do cotidiano de tais práticas. Como José Pais ressalta, a importância de uma reflexão mais dinâmica das culturas juvenis, “que faz apelo para modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressem certos significados e valores não apenas ao nível das instituições mas também ao nível da própria vida quotidiana”¹⁴.

Ainda sobre a invisibilidade de estudos sobre as culturas juvenis femininas, Weller, observa que há possíveis motivos para tal invisibilidade:

[...] poderíamos nos perguntar se a ‘invisibilidade’ feminina ou a ausência de estudos sobre a participação feminina nas culturas juvenis no campo de estudos sobre juventude não estaria associada a essa noção de cultura juvenil como forma de protesto e resistência, ou seja, a essa concepção utilitarista de ação. Quando vistas de forma superficial e estereotipada, algumas culturas juvenis femininas parecem não demonstrar uma atitude de protesto ou resistência às desigualdades étnicas e de classe. Para alguns pesquisadores esses estilos e formas de expressão também se apresentam como pouco racionais e como ações voltadas somente para o consumo de produtos veiculados a esses grupos (por exemplo: as atividades das fãs de grupos como os *Backstreet Boys* ou as *Spice Girls*). Talvez este tenha sido um dos motivos da pouca atenção e reflexão sobre a participação feminina, não só pelos

¹⁴ PAIS, 1993, p. 55 APUD WELLER, 2005.

estudiosos das culturas juvenis, mas também pelas teóricas feministas (WELLER, 2005, p. 111).

Por isso, penso que devemos estudar e analisar ainda mais as culturas juvenis femininas, para não deixar que essa invisibilidade continue a existir.

Para compreender com clareza as juventudes ou a viver das juventudes precisamos adentrar as diferença de gêneros, como Weller diz:

As distintas concepções de juventude e de viver a juventude serão compreendidas com clareza quando analisadas sob a perspectiva de gênero e quando realizadas com base na realidade empírica, que implica todo um trabalho de reconstrução e interpretação das ações concretas dos jovens-adolescentes nos contextos sociais em que estão inseridos (WELLER, 2005, p. 113)

Outro aspecto é não se esquecer de analisar o contexto que os/as jovens estão inseridos, sair dos locais de pesquisa já “saturados”, como dentro da escola, grupos focais dentro das universidades e ir ao cotidiano dos/das jovens e conhecer o seu dia-a-dia, para criar uma análise mais profunda, dos mais diversos modos de se viver a juventude.

Sobre atuação feminina de jovens no *hip hop*, Weller nos traz dados pertinentes para refletir sobre tal participação:

Se tomarmos como referência as bandas femininas de *rap* nos Estados Unidos da América e no Brasil, poderíamos afirmar que, apesar das mudanças alcançadas pelos movimentos feministas e das transformações econômicas, sociais e culturais que levaram a um crescimento da participação feminina na esfera pública (principalmente no mercado de trabalho), as jovens-adolescentes ainda constituem uma minoria nos movimentos político-culturais. Durante pesquisa de campo realizada nas cidades de Berlim e São Paulo constatamos a existência de poucas bandas femininas. Entre os grupos femininos de dança *break* ou *rap* entrevistados, constatamos que a maioria das integrantes encontrava-se na faixa etária entre 15 e 20 anos. Já no caso dos grupos masculinos, em ambas as cidades, encontramos rappers dançarinos de *break*, *DJs* e grafiteiros de distintas faixas etárias (11/12 até 26 anos). Com base nesses dados empíricos poderíamos nos perguntar se o pequeno número de grupos femininos ou o curto período de existência dos mesmos está associado ao ingresso das jovens no mercado de trabalho, ao casamento ou à maternidade, impossibilitando-as de continuarem a exercer suas atividades artístico musicais (WELLER, 2005, p. 114-115).

Tais dados são de muita importância, devido ao fato que da jovem porto alegre pesquisada por mim, conta que se afastou um pouco da dança, após a entrada no mercado de trabalho e nos estudos universitários. Isso corrobora com tais aspectos mencionados pela autora. Contudo, Weller aponta para algo ainda mais promissor, o fato que devemos aumentar nosso olhar na busca pela presença feminina em tais movimentos, não podemos focar apenas nas atuações tida como “tradicional”, mas existem outras atuações perspicazes que devemos considerar, como ela argumenta:

Apesar das poucas bandas femininas de *rap* e das poucas grafiteiras e dançarinas de *break*, constatamos, durante a pesquisa realizada sobre o movimento *hip hop* em São Paulo e Berlim, uma forte presença feminina no que tange às atividades artístico-musicais (durante shows e outros eventos) e/ou sociopolíticas (por exemplo, nas campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos, campanhas contra AIDS). Nesse sentido, se compreendemos o *hip hop* não somente como espaço dos *rappers*, dançarinos, grafiteiros e *DJs*, mas também como cultura juvenil daqueles e daquelas que participam enquanto fãs desse “estilo que ninguém segura”, veremos que a atuação feminina no movimento é significativa. Esse olhar diferenciado sobre as culturas juvenis amplia as perspectivas de análise e de compreensão dos significados construídos no interior desses movimentos. McRobbie & Garber apresentam pelo menos três possibilidades de estudo das culturas juvenis, com o objetivo de superar as lacunas existentes nesse campo de estudos: 1) uma releitura crítica dos estudos ‘clássicos’ sobre juventude devido à eliminação da perspectiva de gênero ocorrida nessas pesquisas; 2) uma sensibilização maior em relação às adolescentes e jovens pertencentes às culturas juvenis predominantemente masculinas (*skinheads*, *hip hop*, entre outras); 3) uma atenção maior às ‘culturas alternativas’ desenvolvidas por grupos femininos, por exemplo, o movimento *teeny-bopper* de adolescentes e jovens que se interessam por grupos ou personalidades do universo pop (WELLER, 2005, p. 115).

Analisar essas outras ‘culturas alternativas’, e incluir como prática juvenil feminina, aumenta a participação das jovens e abre novas possibilidades de pesquisa para desmistificação do senso comum de espaços e práticas culturais predominantes masculinas. Como a autora coloca, existe uma forte presença feminina, o que precisamos é pesquisar mais o cotidiano das juventudes, e conhecer tais práticas juvenis.

Sobre a opinião dos rapazes e da mídia sobre a atuação das mulheres no *hip hop*, Weller traz os seguintes dados:

[...] existe por parte dos rapazes uma opinião formada em relação ao interesse das mulheres pelo movimento *hip hop*, que se apresenta como uma barreira

para qualquer jovem do sexo feminino que queira fazer parte dessa cultura juvenil. Em outras palavras, é preciso demonstrar para ‘os meninos’ que não se está buscando um espaço no movimento com o objetivo de “ficar com todos” ou de “tirar uma modinha”.

Tal julgamento está presente não somente entre os grupos masculinos de um mesmo bairro, como também na própria mídia. Os próprios meios de comunicação – nesse caso, apresentadores de programas de rádio – assumem com a divulgação de novos grupos femininos o papel de reafirmar o machismo latente não somente no universo da cultura *hip hop*. Na frase “é bom mulher no movimento *hip hop*, mas também não é pra rodar a banca” está implícita a ideia de que somente as mulheres circulam e “ficam com todos”. No imaginário masculino e machista a circulação ocorre apenas em um sentido, ou seja, as mulheres “rodam” entre um parceiro e outro, enquanto os homens permanecem estáticos e, nessa posição, imunes a qualquer tipo de depreciação (WELLER, 2005, p. 117).

Importante analisar tais dados, porque salientam a posição machista dos meninos, em achar que as mulheres no *hip hop*, só estão para conseguir relacionamentos amorosos, não as veem como possíveis iguais de disputa nas realizações de coreografias, campeonatos, dentre outros. Já os meios de comunicação, através do rádio, salienta tal machismo, dando “conselhos” para as meninas não “rodar” por parceiros nas suas atuações no *hip hop*. Isso também é reforçado no grupo que F. F, participava, o *Restinga Crew*, a participação feminina ficava em segundo plano, como comenta Amaral (2015):

[...] as relações éticas de amizade, observadas com contexto da experiência do grupo (*Restinga Crew*), mostra-se essencialmente masculina. Os vínculos estabelecidos com as mulheres, em geral, são de interesse especificamente amoroso. As poucas mulheres que participam das atividades tinham relacionamentos estáveis com membros do próprio grupo. A vinculação que desenvolviam com os demais participantes era mais de camaradagem e simpatia, do que de amizade. Raramente as mulheres participavam das dinâmicas do grupo, mantendo-se, em geral sempre mais reservadas (AMARAL, 2015, p. 157).

Talvez por isso, F.F saiu do grupo e acabou indo para grupos formados por apenas mulheres.

Ainda sobre o machismo imposto as mulheres no *hip hop*, Weller argumenta que muitas vezes as próprias jovens internalizam ações machistas da sociedade e acabam reproduzindo entre elas tais atos:

As jovens já internalizaram valores e expectativas atribuídos ao feminino na sociedade em que vivem, que pressupõe todo um cuidado com a preservação

da imagem e da reputação. Nesse sentido, as próprias mulheres do movimento *hip hop* contribuem para a preservação desses valores impostos pela sociedade machista através do trabalho de controle e advertência das companheiras do mesmo sexo: “quando é colega da gente, a gente chega fala [que] não pode ficar com todos porque suja a sua reputação”. Na visão das entrevistadas esse trabalho é necessário porque não é a imagem e apreço somente de uma jovem diretamente envolvida em uma situação que está em jogo, mas também de todas aquelas que participam do movimento. A discriminação passa a ser coletiva porque a ‘fama’ em consequência de uma determinada ação é atribuída a todas as mulheres (WELLER, 2005, p. 117)

Diante disso, acredito ser necessário que as mulheres atuantes no *hip hop*, tenham uma maior reflexão sobre as suas práticas, talvez através de pesquisas participantes, onde reflexões sejam suscitadas, fóruns do movimento *hip hop* seja criados diálogos entre mulheres e homens para discutir tal tema, dentre outras medidas, necessárias para pensar e combater tais preconceitos existentes da participação feminina no *hip hop*.

Weller ainda traz outros elementos da posição dos rapazes sobre o desempenho das jovens na dança *breaking*, em exemplo da sua pesquisa em Berlim, com jovens turcas, com de um grupo de um *hip hop*:

Inicialmente as jovens treinaram sem o conhecimento dos rapazes porque temiam que a iniciativa de adentrar em um meio até então absolutamente masculino fosse impedida pelos mesmos. Também temiam que a apresentação em público fosse vaiada e que seriam expostas ao ridículo. A experiência e a confiança que Ayse (*menina participante do grupo Life Girl*) passou para suas colegas foi fundamental para que outras jovens aceitassem o desafio de criar um grupo feminino de *break*. Mas são os próprios rapazes que acabam percebendo também as vantagens que teriam, se mais jovens do sexo feminino passassem a se interessar e a treinar os difíceis elementos artísticos da dança *break*. A participação feminina possibilitaria a introdução de aspectos novos e originais nas performances preparadas para os campeonatos de *break* – realizados tanto em nível local como nacional e internacional – e aumentaria suas chances em relação a outros grupos (WELLER, 2005, p. 119).

A aceitação da participação de meninas no grupo composto por rapazes não foi como algo de igualdade entre os gêneros, mas como algo exótico a ser mostrado, com a dança feminina no palco, facilitando as chances de uma possível vitória. Evidenciando o preconceito velado por parte dos meninos, vendo nas mulheres uma participação secundária, apenas para ter algum benefício, como no exemplo anterior, onde a participação feminina restringia a relacionamentos amorosos, dentro grupo Restinga Crew.

A participação de *Ayse* foi fundamental para que o grupo vencesse o campeonato berlinense de dança *break*, uma vez que a originalidade da performance é um critério tão importante quanto a perfeição das encenações corporais. Percebe-se, no entanto, que o interesse pela participação feminina no movimento se restringe a um papel secundário no interior do grupo. Enquanto os rapazes apresentam os movimentos acrobáticos, as mulheres disponibilizam seu corpo para melhorar a imagem do grupo, seja como apresentadoras do grupo (*Front-Girl*), como decoração no fundo do palco (*Background-Girl*), ou ainda para dar à performance como um todo um certo ar de exotismo, por exemplo, através da introdução de elementos da dança do ventre. Nesse sentido, o *hip hop* não se diferencia muito de outros estilos e grupos musicais que costumam utilizar as mulheres como dançarinas ou como vozes de fundo. Embora *Ayse* tenha tido a oportunidade de demonstrar não somente suas habilidades como dançarina oriental, mas também como dançarina de *break*, sua participação no grupo nunca se apresentou como uma ameaça para os colegas do sexo oposto. Enquanto ela descreve a luta (*battle*) contra seu próprio treinador como um verdadeiro desafio, este apenas elogia o seu esforço e encara a situação não como uma luta real, mas como uma encenação divertida (WELLER, 2005, p. 120).

Há quase um desprezo pelo papel da mulher em tais atuações, pois o próprio treinador a trata, na batalha travada entre ambos, como apenas uma encenação e não como uma competição real. Não há demonstração de alguma igualdade entre rapazes e moças em tais relações.

Pois fim, quando as meninas deixam a puberdade e adquirem traços mulheres adultas, os meninos, refutam a “amizade” até então existente; todavia, as veem como desafio à honra masculina, naquele bairro, indicando que as jovens deveriam se manter “intactas” para eles:

Quando menores e numa época em que pouco se diferenciavam na forma de vestir e de dançar, havia uma relação de amizade e reciprocidade entre os integrantes de ambos os sexos. No entanto, com a puberdade e, especificamente, com o destaque dos traços femininos através da vestimenta e/ou maquiagem, as jovens passaram a ser vistas como uma ameaça à honra masculina e às normas que alguns tentam estabelecer para o bairro em que vivem: “não comigo ao lado, não nesse bairro”. Para *Ayse*, que cresceu em uma família alevita¹⁵, essa atitude de controle e de restrição da liberdade das mulheres é percebida como uma negação do convívio recíproco que existia até então (“eles esqueceram”), como uma inversão de conduta inexplicável: “de uma hora para a outra eles se tornam outras pessoas, reagem totalmente diferente”. A mudança de comportamento dos rapazes revela-se, por um lado, como uma espécie de ciúmes, que não aceita que as jovens de origem turca tenham olhos “para outros homens”, e, por outro, como consequência do

¹⁵ O Alevismo é uma corrente religiosa dentro do islã que surgiu como oposição ao islã sunita-ortodoxo. Durante o império otomano os alevitas foram duramente perseguidos e discriminados. Por muito tempo os alevitas foram obrigados a ocultar sua identidade. Na Alemanha, um terço da população de origem turca é constituída por alevitas da região da Anatólia (em Berlim vivem cerca de 40.000 alevitas). Para os alevitas a mulher tem os mesmos direitos que o homem, podendo assumir inclusive funções religiosas (cf. Gabriele YONAN, 1993, p. 69-72).

habitus incorporado pelos mesmos. Sabendo “como funcionam os homens”, ou seja, estando conscientes de que seus parceiros não agiriam de outra forma e, ao mesmo tempo, amparados por uma lógica de preservação da ‘honra’ masculina, os rapazes buscam impedir o relacionamento das jovens turcas de seu bairro com outros homens – quer pertençam ao mesmo grupo étnico ou não – com o intuito de preservá-las ‘intactas’ para o casamento. Tal situação de controle e restrição é interpretada como absurda pelas jovens, uma vez que não estão vivendo em uma pequena comunidade ou em tempos remotos: “... agora que eu estou falando, sabe, isso fica bem visível... fica bem claro para mim o que se passa aqui... é mesmo um absurdo... não é inventado, não é no interior ou assim,... isso é... em Berlim-Kreuzberg”(WELLER, 2005, p. 122).

A fala da jovem *Ayse* reforça que esse preconceito não está acontecendo em um local isolado é na própria capital Berlim que as moças estão sendo tratadas como se fossem uma propriedade de posse masculina que pode ser controladas pelos homens de seu bairro. Essa atitude muitas vezes é expressa em nossa sociedade machista, onde o marido é o “dono” da mulher, ele manda, ele toma as decisões, ele coordena os/as filhos/as. Mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho, os cargos de chefia ainda predominam a ocupação por homens, e quando as mulheres ocupam, acabam ganhando menos¹⁶, mesmo tendo maior tempo de escolarização.

Assim com esses exemplos, espero ter abordado, de forma sucinta, contudo trazendo à tona problematizações existentes na atuação feminina no *hip hop*. Seus reais preconceitos para que possamos pensar, através da educação e de outros meios, como podemos acabar com tais preconceitos.

¹⁶ Conforme fonte de pesquisa: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2005-03-08/mulheres-ganham-menos-mesmo-sabendo-mais-e-ocupando-os-mesmos-cargos-que-homens>, acessado 24 de novembro de 2016.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Muitos foram os aprendizados nesse trabalho. Ele não termina aqui, espero que esse seja apenas o início de muitos trabalhos nesse campo de pesquisa. Conhecer as juventudes, como mencionei antes, é um caminho muito longo a ser pesquisado, espero ter contribuído para as pesquisas em tal área.

Algumas considerações parciais, porque não acabam aqui, que tive foram sobre as juventudes, essas compostas por diversos modos se de viver a juventude, não existe apenas um modo, mas vários caminhos possíveis para se caminhar e chegar a vida adulta. Porém, é necessário delimitarmos uma faixa etária para a juventude, como orienta o estatuto da juventude indica, para tenhamos políticas públicas específicas para tais jovens neste país.

Sobre as periferias tanto de Porto Alegre como América Latina, tentei trazer alguns aspectos históricos, sociais, e elencar precariedades ainda muito existentes, devido a um grande número pessoas viverem em tais espaços. Novas pesquisas são necessárias para adentrar ao cotidiano das periferias, que são ricas de pessoas, portanto ricas de saberes a serem descobertos, conhecimentos tão importante para construirmos uma educação cada mais viva e real, mais próxima da realidade das pessoas do nosso país; precisamos urgentemente mudar nossa educação, que muita vezes é elitista, tem uma “forma” pronta, muitos/as educandos/as não se encaixam nela, e acabam sendo evadidos do viver escolar.

Por fim, abordo sobre a atuação feminina no *hip hop*, trazendo o estudo de caso de uma *bgirl*, F. F., que narrou sua narrativa de vida na periferia, contando suas táticas de sobrevivência, e hoje suas estratégias de estudos para ter uma profissão e melhores condições de vida para si e sua família. F.F. também narrou sua atuação no *hip hop*, sua ausência por causa dos estudos e trabalho, fato analisado por Weller, como característica da atuação feminina, seja pela entrada no mercado de trabalho, seja pelo casamento ou pela maternidade, as meninas acabem deixando a atuação mais ativa no *hip hop*, sendo que para os homens tais fatores não interferem ou interferem menos. Falta um apoio dos homens para a manutenção da atuação feminina no *hip hop*, mesmo quando tais elementos se apresentam. Também sobre a atuação feminina brasileira, há um número menor de grupos femininos com atuação no *break*. Isso se levarmos em conta, somente os modelos “tradicionais” de atuação, se outras formas de atuação nas culturas juvenis femininas, ligadas ao *hip hop*, forem consideradas, a participação

feminina é bem significativa. Outras participações seriam as artísticas-musicais (como em shows ou outros eventos) e sociopolíticas (campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos, campanhas contra AIDS, por exemplo). É necessário se compreender o *hip hop* não somente como um espaço de *rappers*, dançarinos, grafiteiros e DJs, todavia também como cultura juvenil daqueles e daquelas que participam enquanto fãs, veremos que a atuação feminina no movimento é significativa.

A opinião dos rapazes e da mídia é outro aspecto analisado, onde muitas vezes os rapazes veem a participação das meninas como apenas possíveis para ter um relacionamento amoroso, e que estas tem essa intenção com suas atuações no movimento, algo que é reforçado pela mídia, e muitas vezes até pelas próprias jovens que se “auto aconselham” para não saírem “ficando” com todos porque vão sujar a reputação delas no movimento, reforçando tal preconceito que existe na sociedade. Por isso, é importante que formas de reflexão sobre as atuações femininas sejam propostas para atuantes do movimento, para que aconteçam reais medidas de extinção dos preconceitos sofridos pelas mulheres.

Ser algo exótico no grupo de meninos é outra atuação feminina recorrente, pois para alguns o papel da mulher em grupo é secundário e traz um critério para uma diferenciação de outros grupos, e vitórias em competições. Isso não acontece somente no *hip hop*, mas em diversos grupos musicais, onde o papel da mulher é como dançarina em segundo plano, ou faz segunda voz para o cantor masculino principal.

Por último, e talvez o preconceito mais patente, porque em um determinado bairro turco, na cidade de Berlim, Weller mostra que os rapazes mudavam suas posições de camaradagem, quando as meninas atingiam traços femininos de mulher adulta, para uma posição de cuidar da posse, querendo controlá-las em seus possíveis envolvimento com outros homens, como se fossem um objeto de posse deles.

Realmente, como citei na epígrafe, sonho com um mundo onde todos/as um dia serão tratados iguais, sejam pela cor de pele, sexo, local de moradia. Enquanto esse mundo não existe, continuo lutando para que um dia ele exista. E acredito que através da educação, temos um grande potencial para se chegar lá. Como dizia Paulo Freire, “A educação não muda o mundo, a educação muda pessoas, pessoas mudam o mundo”.

REFERÊNCIAS

AMBROMOWAY, Miriam, et al. Juventude, violência e Vulnerabilidade Social na América Latina; desafios para políticas públicas. Brasília. UNESCO. BID. 2002. 192 p.

AMARAL, Márcio Amaral. *Jovens de periferia e arte de construir a si mesmo*: experiências de amizade, dança e morte. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, fevereiro de 2015.

AMARAL, M.; PERONDI, M. Nos labirintos da vida, os arranjos de se viver: a experiência de jovens numa periferia. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

CARRANO, P. C; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: CARRANO, P. C; DAYRELL, J.; MAIA, C. L. (orgs.). *Juventude e Ensino Médio*. Diálogos, sujeitos e currículos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COLOMBO, Enzo. Diferença, cotidiano e pesquisa reflexiva. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

LA MENDOLA, Salvatore. Dialogicamente. Dar a vida a percursos de conhecimento em termos de relações ou de experiência? In: CARRANO, P. Fávero, O. (Orgs.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

LEROUX, L.; CLINIO, A. Produção audiovisual com celular – periférias, gambiarras e deslocamentos estéticos. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

LINDÓN, Alicia. A periferia metropolitana da Cidade do México: do cronotopo fundacional vallechalquense às identidades do e com o lugar. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

LOFORTE, Ana Maria. Mulher, poder e tradição: reflexões sobre gênero e percepções de pobreza em Moçambique. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

MARTUCCELLI, Danilo. Sociologia, singularização e individualismo latino americano. In: PINHEIRO, R. L. (org.). *Itinerários Versados*. Questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Porto Alegre: Editora Paco, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17, n. 49, p. 11-29, junho/2002

MELUCCI, Alberto. *O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2004.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira. Produção didático-pedagógica. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Santo Antônio do Paraíso, 2008.

PINHEIRO, Leandro R. As periférias de Porto Alegre: Suas pertencas, redes e astúcias. Bases para compreender seus saberes e dinâmicas éticas. *REVISTA IHU ON-LINE*, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/558958-periferias-de-porto-alegre-contingente-populacional-supera-o-de-muitas-cidades-gauchas-entrevista-especial-com-leandro-pinheiro>. Acessado em 15 de novembro de 2016.

SILVA, Algéria Varela da. Vulnerabilidade social e suas consequências: o contexto educacional da juventude na região metropolitana de Natal. In: 13° ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE NORDESTE, 2007.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. *Revista Sociedade de Cardiologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: n. 20, setembro-outubro, 2007.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005

YONAN, Gabriele. *Einheit in der Vielheit. Weltreligionen in Berlin*. Berlin: Die Ausländerbeauftragte des Senats, 1993.

ANEXOS

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Objetivo da entrevista:

Conhecer a trajetória individual, com destaque aos seus pertencimentos à periferia, ao *Hip Hop* e à escola.

Entrevistado(a):

Entrevistador: Bruno Henrique Silva de Castilhos

Data:

Roteiro

1. Gostaria que tu começasses narrando tua trajetória pessoal (História da tua vida).
2. Na tua interpretação, quais seriam os lugares onde aprendeste/aprendes mais?
3. Para ti, como se dá a criação de passos na dança?
4. Relações Sociais

Como é/era tua relação com os integrantes do Restinga Crew?

Quais situações se ajudavam/ajudam mutuamente?

Em quem confia mais para uma conversa franca, família ou amigos? Por quê?

5. Poderia nos contar como foi tua passagem pela escola (história; instituições; relação)?
6. Caracterização sócio-demográfica:
 - Idade:
 - Renda:
 - Atividades remuneradas (formais/informais):

Escolaridade:

Bairro de moradia atual:

Bairro de moradia por mais tempo:

Espaços de lazer:

Rotina diária: